

JOSÉ MANUEL DE BETHENCOURT CONCEIÇÃO RODRIGUES



Nasce no dia 05Jun1918, na cidade do Funchal.

Completa o ensino secundário no Liceu Pedro Nunes em Lisboa.

Frequenta os preparatórios militares na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Em Nov1936 ingressa na Escola do Exército.

Em Mai1939 conclui o curso de Infantaria como 1º classificado.

Colocado como alferes na EPI-Mafra, inicia a sua carreira militar como instrutor.

Em Jun1948, entretanto promovido a capitão, inicia no IAEM o curso de Estado-Maior.

Em Mai1951 conclui o curso de Estado-Maior com a classificação de "distinto".

No início de 1952, entretanto promovido a major CEM, o CEME general José Filipe de Barros Rodrigues determina-lhe a frequência, no Command and General Staff College em Fort Leavenworth (Kansas), do curso do Centro de Comando e Estado-Maior do USArmy, ao qual se segue estágio na 1ª Divisão de Infantaria dos EUA em Grafenwohr (RFA) e na qual se mantém como adjunto da respectiva 3ªRep em manobras posteriores.

Em 1953 regressa a Portugal sendo colocado no Campo Militar de Santa Margarida onde, com outros oficiais do Exército, constitui a "Escola de Santa Margarida" integrada em exercícios NATO da Divisão SHAPE.

Em 23Dez1953 agraciado com Oficialato da Ordem Militar de Avis.

Seguidamente exerce funções de comandante do RAL1.

Em 30Jul1957 agraciado com a Comenda da Ordem Militar de Avis.

Em 03Mai1960 tenente-coronel do corpo de estado-maior, professor efectivo do 1º grupo de matérias dos cursos de Estado Maior do IAEM.

Em Jun1960, exercendo a chefia da repartição do gabinete do CEME general Luís Maria da Câmara Pina, em vésperas de declaração da independência do Congo Belga, enviado pelo Ministro do Exército coronel Afonso Magalhães de Almeida Fernandes em missão de observação ao Norte da Província Ultramarina de Angola e, com grupo de alunos da parte complementar do curso de estado-maior, efectua estudo e levantamento da situação: *«Percorremos toda a fronteira Norte de Angola em duas station-wagon sem que tivéssemos dado conta de algo de anormal; Angola parecia estar perfeitamente pacificada».*

Em 30Set1960 agraciado com a Medalha do Pacificador, pelo Governo do Brasil.

Em 20Out1960 agraciado pelo CEME com a Medalha de Prata de Serviços Distintos.

Em 14Nov1960 agraciado pelo Ministro da Marinha, com a Medalha Naval de Prata comemorativa do 5º centenário da morte do Infante Dom Henrique.

Em 25Fev1961 regressa à Província Ultramarina de Angola, acompanhando o CEMGFA general José António da Rocha Beleza Ferraz, o seu CEME e o adjunto do gabinete do MDN (e adjunto de 'intelligence' da 2ªRep/SGDN) major de cavalaria Pedro Alexandre Gomes Cardoso, para nova missão de inspecção ao noroeste do território.

Em 15Mar1961 a comitiva está em Buco-Zau e, após escalas em Cabinda, São Salvador do Congo, no incompleto AM32-Toto e noutras localidades do noroeste daquela Província Ultramarina assediado por bandos terroristas, seguem prontamente para Luanda: *«Estava lá em missão juntamente com os generais Beleza Ferraz e Câmara Pina; em Buco-Zau chamaram-nos de urgência para Luanda; depois daqueles dois responsáveis terem regressado a Lisboa na companhia do ministro do Ultramar Vasco Lopes Alves, ainda lá fiquei uns dias»*.

Em 27Mar1961 regressa a Lisboa.

Em 30Abr1961 visita pela 3ª vez a Província Ultramarina de Angola, acompanhado pelo adjunto do SGDN major Pedro Cardoso.

Em 12Set1961 no QG de Luanda o CCFAA general Venâncio Augusto Deslandes, emite despacho que aprova a *«proposta do chefe de repartição do gabinete do CEME tenente-coronel Bethencourt Rodrigues»* para formação e treino na ZIN/RMA de uma força especial de contra-guerrilha – *«génese da especialidade militar 959-Comandos»* –, devendo para o efeito ser instalado na região dos Dembos um centro de instrução destinado a militares voluntários e oriundos de unidades operacionais naquela ZIN: *«Tais forças devem satisfazer determinadas condições, das quais se realçam sólida moral, considerável resistência física, conhecimentos adequados e suficientes de sobrevivência em ambientes hostis e sobretudo uma mística, sendo que a orgânica de grupos antiguerrilha tem importância fundamental, exigindo-se-lhes grande mobilidade aliada a considerável poder de fogo, implicando aligeiramento quanto ao equipamento, quanto ao efectivo que deve ser diminuto e quanto ao armamento que deve ser poderoso. Só se morre uma vez, não há mortes provisórias: quando se combate com convicção e tenacidade, quando se tem a certeza de um trabalho bem feito, a motivação é coisa que não falta»*.

Em 14Dez1961 nomeado por designação para chefiar o Estado-Maior do QG/RMA: *«O general Holbeche Fino telefona-me dizendo que gostaria de me levar para Angola como seu chefe de gabinete»*.

Em 15Dez1961 na Fortaleza de São Miguel em Luanda, perante o comandante da RMA general Francisco Holbeche Fino toma posse como CEM-QG/RMA, constituindo o seu 'staff' com o tenente-coronel CEM António Eduardo de Castro Ascensão em sub-CEM/QG, o major CEM Joaquim Moreira Rebelo na chefia da 1ªRep/QG, o major CEM Jorge da Costa Salazar Braga na chefia da 2ªRep/QG (com o major CEM Renato Fernando Marques Pinto na chefia dos SCCIA dependente daquela 2ªRep), o major CEM Amadeu da Silva Carvalho na chefia da 3ªRep/QG e o major CEM António Soares Tavares da Costa na chefia da 4ªRep/QG. *«Em finais de 1961 tínhamos para resolver: a reconstituição do Quartel-General, as comunicações, a logística e a montagem do sistema de quadrícula. A guerra subversiva é um conflito assimétrico: uma disputa entre dois adversários desiguais em termos de organização, recursos e implantação no terreno. O sistema da quadrícula adaptou-se bem às características da guerra subversiva. Era a quadrícula que integrava o médico que fornecia os cuidados de saúde básicos, o cabo que dava a instrução primária aos indígenas, o soldado que conhecia bem os muceques, a sanzala, enfim a tropa que ia fazendo o "trabalhinho". Quando se queria bater com força, então chamavam-se as forças de intervenção. Foram ambas indispensáveis e complementares uma da outra. Nunca se perseguiu uma estratégia de aniquilamento do inimigo. O nosso lema era "a conquista pelas mentes"»*.

Em Jan1963 determina a constituição na fronteira oriental em Vila Teixeira de Sousa, de um comando militar especial com a missão de recolher elementos afectos ao dissidente Moisés Tschombé e garantir a soberania do território de Angola, no caso de qualquer tentativa de violação fronteiriça em actividades de perseguição daqueles elementos: para o ComEvaK,

designa o tenente-coronel de infantaria João de Madureira Fialho Prego, auxiliado pelo inspector-adjunto da PIDE Fernando Ferreira Alves; no Catanga organiza um comboio que recolhe para Luanda material das forças rebeldes de Tschombé e uma parte dos seus fundos; em 01Jun1963 concluída a missão em bom termo, aquele ComEvaK é extinto.

Em 30Set1963 agraciado com a Medalha de Ouro de Serviços Distintos com palma:

«Louvado o tenente-coronel do corpo de estado-maior José Manuel Bethencourt da Conceição Rodrigues pela forma brilhante e excepcional como tem desempenhado as funções de chefe do estado-maior da Região Militar de Angola.

Escolhido pelo comandante da Região, em fins de Novembro de 1961, para tal missão, com completo e compreensivo acordo de S. Ex^a o Ministro do Exército e de S. Ex^a o Chefe do Estado-Maior do Exército, logo revelou, ao ser convidado, todo o entusiasmo pelo serviço do País de que é capaz o seu espírito juvenil, imediatamente começando preparativos de ligação técnica no Estado-Maior do Exército, que depois se mostraram de proveito nítido. Chegado a Angola em meados de Dezembro de 1961, logo iniciou, sem perda de tempo, o trabalho de adaptar todo o pessoal do Quartel-General à sua forma eficiente e muito particular de ajudar o comandante da Região no cumprimento das pesadas e múltiplas missões que lhe competem, a todas se impondo sem detença pelas suas qualidades de inteligência, saber, método, ponderação e lealdade, sem esquecer que começou dando e tem continuado a dar exemplo vivo de qualidades extraordinárias de trabalho e persistência. A lealdade para com o seu comandante tem sido completa e sem desfalecimentos, a mesma qualidade manifestando para com os comandantes das unidades da Região, que sempre junto dele encontram aquela ajuda pronta e eficiente que se torna necessária e que nunca é isenta de um cunho muito pessoal de amizade e sã camaradagem.

Dirige todos os planeamentos com o desembaraço e o à-vontade que só é apanágio de quem está seguro dos assuntos a tratar e faz todas as suas exposições com uma tal clareza que deixa todos os seus auditores bem esclarecidos. Essa sua qualidade de bem expôr tem-se patenteado também no sucesso que sempre obtém em referências que tem tido de fazer a estrangeiros, especialmente a adidos militares e membros do War College dos Estados Unidos da América, que têm visitado a Região Militar de Angola, manifestando então não só o seu domínio das línguas inglesa e francesa, como o conhecimento da psicologia e outras particularidades dos auditórios, a todos fazendo ficar admirados pelo cunho de sinceridade, clareza, proficiência e calor que dá ao que expõe, tudo contribuindo para a necessária propaganda do País no estrangeiro.

Sempre tem compreendido as directivas que tem recebido, até as mais sintetizadas, adaptando-se com rapidez ao pensamento do seu comandante, completando esse pensamento com argúcia admirável e promovendo a sua materialização com notável segurança e rapidez.

Foi o obreiro básico dos planos "Centauro Grande" em 1962 e "Marfim Negro" em 1963. Tem feito repetidas visitas a zonas, sectores, unidades e subunidades instaladas no mato, muitas vezes em manifestas condições de perigo, tudo observando com desempoeirado e pronto espírito crítico, a todos emprestando uma palavra de conselho e amigo apoio, de tudo sabendo tirar lições proveitosas que logo transforma em firme e autorizada informação para o seu comandante da Região, sempre com mira a um melhor aproveitamento e eficiência de meios. Tem dignificado ao máximo as funções de estado-maior, em actuação que confirma o conceito em que este é tido; tal conceito não encontraria mãos mais hábeis para o elevar sempre mais mais. As qualidades pessoais deste oficial, vincadas por um carácter firme e aliadas a dotes excepcionais de coração, fazem com que seja admirado e estimado não só entre militares como também entre os civis, sendo de salientar a alta cotação que atingiu no meio angolano. Tem o gosto das responsabilidades, a firmeza das suas opiniões e uma fé completa na eficiência da equipa que chefia, a todos dando sempre conselho oportuno e lição proveitosa, tudo procurando ver e corrigir, sempre o objectivo de cumprir honesta e

proficientemente as suas missões, o que, incontestável e patentemente, tem conseguido. Por tudo considero que a actuação deste distinto oficial do corpo de estado-maior tem sido de alto auxílio ao comando, de forte prestígio para as instituições militares e de valor considerável para o País e, em especial, para Angola.

Os serviços prestados são, assim, considerados extraordinários, distintíssimos, altos e relevantes.»

Em 20Jan1964 regressa à Metrópole e fica colocado no EME.

Em Fev1964 segue para Londres como adido militar e aeronáutico da embaixada de Portugal.

Em 29Set1964 promovido a coronel do corpo do estado-maior e professor efectivo dos cursos de Estado Maior do IAEM.

Em 06Jul1966 agraciado com o Oficialato da Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis.

No início de 1967 regressa à Metrópole e assume funções como professor e director dos Cursos de Estado Maior do ISDN.

No ano lectivo de 1967/68 frequenta no IAEM o curso de Altos Comandos, que conclui classificado "muito apto".

Em 21Mai1968 agraciado com a Cruz de 3ª classe de Mérito Militar com distintivo branco, pelo Governo de Espanha.

Em 13Ago1968 promovido a brigadeiro tirocinado director dos cursos do IADN.

Em 07Ago1968 empossado Ministro do Exército.

Em 29Ago1968 cessa funções no IAEM.

Em 27Set1968 presente no Palácio de Belém, durante a tomada de posse do PM Marcelo José das Neves Alves Caetano.

Em Jan1969 desloca-se à Província Ultramarina de Angola para exaustiva digressão pelos principais sectores distritais do Noroeste e do Moxico, com pormenorizadas visitas a Unidades militares e militarizadas, designadamente em Luanda o Talhão Militar do Cemitério de Santana e o HM124, seguindo-se Belize, Cabinda, Santo António do Zaire, São Salvador do Congo, Nambuanguo, Zala, Carmona, Vila Salazar, Nova Lisboa, Luso e o saliente do Cazombo. Regressado à Metrópole, declara no Aeroporto de Lisboa que *«a contrasubversão requer sacrifícios de toda a ordem, daqueles que a têm a seu cargo. Em Angola morre-se, é-se ferido, fica-se estropiado. Esta é uma realidade que a Nação tem de manter presente, tanto como a realidade de que a sua massa válida entende o interesse nacional e generosamente se lhe entrega. Angola é e será Portugal»*.

Em 03Fev1969, na Metrópole visita alguns [Hospitais Militares](#).

Em 24Fev1969 visita o [IMPE](#).

Em 11Mar1969, acompanhando o PR, visita o [RI5-Caldas da Rainha](#).

Em 18Abr1969, acompanhado pelo seu subsecretário de Estado coronel João António Pinheiro, visita o [RI2-Abrantes](#).

Em 27Jun1969 acompanha o PR na visita ao CIOE em Penude.

Em 07Jul1969 no Conselho de Ministros subscreve o Decreto-Lei nº 49107, no qual se determina que *«o pessoal para serviço nas Províncias Ultramarinas pode ser nomeado por imposição de serviço e nas nomeações por imposição de serviço a duração das comissões é normalmente de dois anos, sendo as condições em que se processam as nomeações por imposição de serviço estabelecidas pelo titular do respectivo departamento»*.

Em 24Set1969 acompanha o PR na visita ao Campo Militar de Santa Margarida em Tancos.

Em 30Set1969 recebe no Ministério do Exército, cumprimentos de diversas [personalidades ligadas às nossas Forças Armadas](#).

Em 27Out1969 emite o Decreto-Lei nº 49324 que define e prevê para 20 tenentes-coronéis, 40 majores, 120 capitães e 180 tenentes, um Quadro Especial de Oficiais destinado a instrução e enquadramento de Unidades na Metrópole para servir no Ultramar: naquele QEO podem frequentar oficiais milicianos do QC que o requeiram, com boas informações de anteriores serviços em campanha no Ultramar, sendo que tal ingresso concede direitos idênticos aos de

oficiais do QP mas não podendo ascender à patente superior a tenente-coronel; (no ano lectivo militar de 1969/70 cerca de 90 oficiais solicitam acesso àquele QEO).

Em 15Jan1970, a seu pedido cessa funções como Ministro do Exército.

Em 03Fev1970 nomeado pelo Conselho de Ministros, como administrador-delegado do Governo na RTP e cumulativamente preside à Comissão Executiva das Obras Militares.

No final de Jan1971, por proposta do CCFAA general Costa Gomes, nomeado para comandar em Angola a reestruturada ZML.

Em 28Fev1971, recém-chegado ao Leste de Angola, faz breve visita ao BArt3835 desde há um mês aquartelado no sudeste em Gago Coutinho.

Em 19Mar1971 graduado no posto de general, comandante da Zona Militar Leste da Região Militar de Angola com a missão imediata de seccionar infiltrantes da FNLA na região do Cassai, desmantelar a Rota Agostinho Neto do MPLA desde a fronteira noroeste da Zâmbia até ao limite distrital de Malanje e destroçar a progressão da UNITA em direcção ao Bié.

Em 31Mar1971 assume funções na cidade do Luso, capital distrital do Moxico.

Na manhã de 01Abr1971, perante o recém-chegado visitante CCFAA general Francisco da Costa Gomes, dá posse ao 'staff' do seu QG/ZML: na chefia do Estado-Maior o tenente-coronel CEM Arménio Nuno Ramires de Oliveira, na chefia das 1ª/4ª Rep o major CEM Manuel Francisco Ribeiro Franco Charais, na chefia da 2ª Rep o major de artilharia Fernando Rui Mesquita da Costa Passos Ramos, na chefia da 3ª Rep o major CEM Manuel Ribeiro de Oliveira Carvalho (tendo como adjunto, a partir de Jun71, o major graduado de infantaria Adérito Augusto Figueira), e na chefia da 5ª Rep o major CEM Gabriel Augusto do Espírito Santo.

«Quanto a dispositivo, fez-se alteração do limite entre os sectores Moxico e Cuando-Cubango, e voltou novamente a pôr-se o problema dispersão/concentração: isto é, "esfrangalhar" as companhias porventura até ao nível de secção se necessário, para ter uma presença militar no maior número possível de locais; ou considerar a companhia unidade-base de contra guerrilha, com capacidade de manobra e de assegurar serviços que garantissem a sua sobrevivência. Além das forças de quadrícula e de uma reserva no Luso, a ZML dispunha em permanência de uma companhia de pára-quedistas [no Léua], de unidades de comandos [do CIC-Belo Horizonte] e de pára-quedistas [do BCP21-Belas] cedidas temporariamente pelo comando-chefe, de duas companhias de fuzileiros navais, do apoio da Força Aérea com meios instalados em Henrique de Carvalho [AB4, no AM43-Cazombo e na pista asfaltada de Gago Coutinho], e no Luso muitas vezes reforçados de Luanda com os "Flechas" e os "Fiéis", os quais dispunham de quatro campos, um na [Chimbila] zona de Dala a norte do Luso [outro no Camissombo perto de Veríssimo Sarmiento, outro na Gafaria perto do Cazombo] e outro na zona de Teixeira de Sousa [junto à fronteira do Dilolo-Gare]; nestes campos estavam militarmente enquadrados, organizados em pelotões e companhias, sendo a ligação com o comando da ZML através do major de cavalaria Dionísio de Almeida Santos integrado neste comando, o seu efectivo era da ordem dos 3 mil homens mas raramente faziam operações, normalmente empregues na protecção de equipas destacadas por empresas civis [CETEC e JAE-A] para trabalhos de asfaltagem nas estradas da ZML. Para começar, concebeu-se um itinerário asfaltado que se iniciasse em Silva Porto e seguidamente passasse por Serpa Pinto, Cuito-Cuanavale, Mavinga, N'Riquinha, Gago Coutinho e terminasse no Luso, a partir de onde havia uma estrada asfaltada para norte [em direcção à fronteira de Portugal, passando por Henrique de Carvalho e pelo Dundo, sede da DIAMANG]: alguns troços daquela estrada já estavam asfaltados mercê da actividade das equipas de trabalho das empresas civis especializadas e da protecção que lhes era conferida por unidades de "Fiéis". A outra vulnerabilidade da ZML era o saliente do Cazombo cuja "gola" era relativamente estreita e, por outro lado, a proximidade da Zâmbia permitia frequentes acções sobre a principal estrada que corria ao longo e próximo da fronteira [desde o extremo-sul do Luiana, passando pelo Rivungo, Santa Cruz do Cuando, Chicote, N'Riquinha, Chiúme, Ninda, Gago Coutinho, Lutembo, Lumai, Luvuei e Lucusse] em parte do seu percurso [derivando para oriente em direcção ao Lumbala e

Cazombo], *perturbando os deslocamentos que por ela se faziam e, porventura, impedindo o acesso de reforços ao saliente.*»

Logo a partir de Abr1971, a actuação das NT na ZML passa a incidir sobre itinerários de reabastecimento da guerrilha e respectivas áreas de destino, especialmente na infiltração do rio Cuito utilizada pelo MPLA e cujos resultados conduzem à redução significativa de actos daquele bando terrorista, que praticamente vieram a ser anulados; simultaneamente o comando da ZML coordena acções sobre a área ao norte do rio Cassai e itinerários de acesso, retirando inoperabilidade à FNLA ali actuante e forçando o seu retrocesso para o Shaba zaireense, impedindo a sua progressão para o noroeste de Angola; relativamente à UNITA, inicia-se a exploração de rivalidade com o MPLA.

Em Mai1971 recebe no QG/ZML algumas individualidades civis.

Em 02Jun1971 o comando da ZML lança a Op Madeira destinada a confinar actividades da UNITA à depressão fluvial do Lungué-Bungo, com as seguintes delimitações geográficas: ao norte desde a picada para Cangombe e rio Cuito até ao afluente Cutupo, a ocidente desde a picada vinda de Lucusse para o Sessa, Cangombe e rio Quembo e ao sul desde o rio Cutupo até à confluência do Cuito vindo de norte, conduzindo a uma tática 'entente' ao sul do CFB entre a UNITA e as NT, não sendo aquela atacada "desde que cumpra o acordo".

Em 07Jun1971 acompanhado pelo seu Estado-Maior, visita no extremo sudeste a CArt3312 aquartelada no Chiúme.

Em 25Ago1971, no QG/ZML e na presença do Ministro do Ultramar, procede a um 'briefing' onde dá por encerrada mais uma Op Sirôco, 3ª ofensiva sazonal no leste contra bandos terroristas que por ali se encontram disseminados.

Em 18Nov1971 o comando da ZML inicia uma Op no itinerário Chimbila-Cazaje-Luatxe-Lumeje.

Em 23Fev1972 recebe no QG/RML as visitas do CEMGFA general Venâncio Augusto de Deslandes, do CCFAA general Francisco da Costa Gomes e demais comitiva.

Em 26Mai1972 agraciado com a Medalha Marechal Trompowsky, pelo Governo do Brasil.

Em 03Ago1972 determina a constituição de outro Agrupamento Sirôco e preparação da Op Rojão/RH, a fim de aniquilar rarefeitos bandos de terroristas ainda actuantes na ZML.

Em 20Dez1972 agraciado com a Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar.

Em 05Jan1973 a UNITA encontra-se militarmente confinada, mantendo no entanto controle na região do Lungué-Bungo onde aquela se instalara, conservando ainda capacidade de combate.

Em 02Fev1973 nomeado pelo MDN para, em Jun-Jul1973, o 2º curso de Defesa Nacional no IADN.

Em 15Mar1973 cessa funções no comando da ZML/RMA.

Em 28Mar1973 regressa à Metrópole e fica apresentado na Repartição do Gabinete do MDN.

Em 06Abr1973 nomeado pelo MDN como assessor do IADN.

Em 02Jun1973 louvado pelo MDN *«pela maneira firme e muito valorosa como conduziu as operações na Zona Militar Leste de Angola durante os últimos dois anos, operações de que resultaram uma grande melhoria na pacificação daquela zona e grande lustre para as armas portuguesas. Oficial dotado de raras qualidades de inteligência e de comando, conhecedor profundo dos assuntos militares actuais do Ultramar, tendo logo em 1961 preparado o pessoal do primeiro Quartel-General em operações do comando de Angola, para que correspondesse às necessidades inesperadas e imperiosas do momento, o general Bethencourt Rodrigues voltou a Angola passados dez anos com o mesmo espírito decidido determinado e jovem, dedicando-se ao máximo pelo cumprimento da sua missão, indiferente a fadigas e perigos, e dando sempre o exemplo aos militares sob as suas ordens na conduta das operações destinadas a assegurar a paz no Leste de Angola. O seu exemplo, a sua dedicação ao cumprimento do dever para com a Pátria e a sua resoluta disposição no comando das tropas, bem merecem ser apontados à consideração e ao respeito públicos.»*

Em 05Jun1973 agraciado com a Medalha de Ouro de Valor Militar com palma.

Em 01Ago1973 durante audiência com o PM, escolhido para governador e comandante-chefe da Guiné: «*O pretexto dessa conversa até foi outro assunto, designadamente a negociação de um contrato publicitário entre a RTP e a Movierecord - eu nessa altura era administrador delegado da RTP - , só depois é que o Presidente do Conselho me assediou para a Guiné, onde a situação se deteriorara nos últimos tempos. Não fui para a Guiné para agradar a toda a gente: fui lá para cumprir o que devia ser cumprido.*»

Em 28Ago1973 nomeado governador provincial e CCFAG.

Em 14Set1973 no Ministério do Ultramar, o ministro prof. dr. Joaquim Moreira da Silva Cunha confere-lhe posse no cargo de Governador da Província Ultramarina da Guiné.



Em 22Set1973 na Messe de Oficiais em Monsanto, [homenageado com um jantar](#) promovido pelo Ministro do Ultramar prof. dr. Joaquim Moreira da Silva Cunha, estando presente, entre outros convidados, o general António Sebastião Ribeiro de Spínola.

Em 29Set1973 desembarca no aeroporto de Bissalanca, dirige-se ao Palácio do Governo e assume os cargos de governador provincial e CCFAG. Durante um 'briefing', a chefia da 2ªRep/CCFAG apresenta-lhe resumidamente a situação com o seguinte panorama: quase todo o território da Província constitui área de guerrilha mas esta ainda não atingiu chão manjaco a sul do rio Costa-Pelundo e na ilha de Bissau a parte central do chão fula, sendo que no geral a superioridade "pende" para o PAIGC. No que respeita ao dispositivo geral de quadrícula – cujos anteriores inconvenientes de dispersão e vulnerabilidades foram impostos pelo anterior CCFAG

–, no final do 'briefing' determina uma expedita remodelação do dispositivo das NT, em vista ao ajustamento prioritário da actividade operacional e reorientação sobre a promoção socio-económica face aos mais de 30 subgrupos étnicos com características, organizações e rivalidades diversas: a metade ocidental da Província possui clima e terrenos desfavoráveis a operações, com zonas impenetráveis de mangal e extensas florestas tropicais, onde as marés causam grandes desníveis nas margens fluviais e alagamento periódico de terras; quanto aos meios militares de comando, intervenção e logística, encontram-se sediados em Bissau e 225 localidades têm guarnições militares que cobrem todo o território, desde Varela e Catió no noroeste, Cuntima e Saré-Bacar no norte-centro, Buruntuma no nordeste, no sul exceptuando Madina do Boé por ser demograficamente desertificada e Cameconde no sudoeste; 82 localidades têm Exército, Armada e Milícias, outras 72 têm Exército e Armada, as demais 71 contendo Milícias locais e sendo o total das NT constituído por mais de 50% de naturais da Guiné distribuídos da seguinte forma: 20% das unidades de combate do Exército têm pessoal recrutado localmente, noutras todo o pessoal (incluindo quadros) é de recrutamento local, algumas unidades de fuzileiros navais são integradas por voluntários locais enquadrados por militares metropolitanos e as subunidades de Milícias integralmente de recrutamento local; na Força Aérea são unidades operacionais, de comando e de logística totalmente constituídas por recrutamento metropolitano.

Em 30Set1973, no centro-norte visita aquartelamentos em Mansoa e em Bissorã.

Em 24Out1973 desloca-se com dois jornalistas alemães a Madina do Boé e percorre sem escolta a designada "capital da República", há exactamente um mês proclamada pelo PAIGC.

Em 22Nov1973 visita no sul o [aquartelamento de Aldeia Formosa](#) (Quebo).

Após verificar e avaliar no terreno a situação em várias localidades, desloca-se a Lisboa onde expõe ao PM e ao Ministro do Ultramar as suas soluções práticas, indicando quais os meios que considera necessários para actuar com segurança, sendo-lhe dados reforços e outros que em breve lhe vão ser enviados, para atenuar substancialmente o desnível que se dizia existente entre os das NT e os do PAIGC.

Em 23Dez1973 desloca-se pela 2ª vez a Lisboa e expõe ao PM, ao Ministro do Ultramar, aos ministros militares e ao CEMGFA, como encara a situação e a ideia de manobra para a dominar: indica novamente os meios de que carece, sendo-lhe concedido o mais que se pôde do existente e recebe conhecimento de aquisições em curso (mísseis terra-ar Crotale e morteiros 81 e 120) destinados a reforço do potencial das NT; e regressa a Bissau confiante.

Em 12Mar1974 desloca-se pela 3ª vez a Lisboa. *«Se tivesse assistido ao golpe das Caldas, quando vim a Lisboa não dei por nada. Achei isto uma coisa horrorosa. Tinha havido a remodelação ministerial, a última do professor Marcelo. Senti um mal-estar generalizado, uma atmosfera pesada. Felizmente, o episódio da "brigada do reumático" apanhou-me já a caminho da Guiné.»*

Em 29Mar1974 preside em Tite ao encerramento do [V Congresso dos Povos da Guiné](#).

Em 01Abr1974 reúne no QG do Forte de São José da Amura os comandos militares dos sectores oriental e sudoeste, os quais analisam a situação militar do 1º trimestre e elaboram planos de contra-ataque rápidos naquelas áreas.

Em 10Abr1974 preside na Praça do Império às cerimónias de encerramento do V Congresso das Etnias da Guiné, o qual decorreu sob orientação das autoridades administrativas em 19 localidades do interior ao longo de 24 sessões constituídas por 4 reuniões e mobilizou milhares de representantes das diversas etnias.

Em 15Abr1974, na qualidade de Governador Provincial, preside no salão nobre da Associação Comercial de Bissau à sessão de encerramento do Encontro Nacional da LAG da MP, durante a qual profere breve alocução: *«É um nobre serviço que se presta ao País, mas fazê-lo na Guiné aqui e agora, é dar a essa reunião um significado de força, de unidade, de presença e de permanência, de vocação e de determinação; a finalidade deste encontro dá-lhe projecção nacional e internacional, e vincadamente afirma como somos e queremos continuar a ser».*

Em 22Abr1974 no QG do Forte de São José da Amura em Bissau, determina que sejam estabelecidos três novos sectores de comando, manobra e apoio logístico: um ao norte do rio Geba; outro entre os rios Geba e Corubal; e ainda um outro ao sul daqueles dois rios:

«Planeava converter as 225 guarnições em 80 e tal: a dispersão é inimiga da eficácia».

Em 26Abr1974 "saneado" pelo comité do MFA-Guiné.

«Nas três frentes em que estivémos envolvidos, não arrasámos nada, não recorremos a bombardeamentos maciços, não seguimos uma política de terra queimada: é claro que numa situação de conflito, há sempre uns tipos desequilibrados que podem praticar abusos. Nas Informações trabalhava-se em estreita colaboração com a DGS [inspector-adjunto Fernando Ferreira Alves], reconhecidamente competente nesse campo: o PAIGC, de resto, não tinha técnica para entrar num jogo desses. Dizer que a tropa estava desmoralizada, de maneira nenhuma! Em Angola podia cumprir-se uma comissão alternando sítios fáceis com difíceis. Na Guiné não: vivia-se num sobressalto permanente, por isso é que na Guiné as comissões duravam 21 meses e em Angola 24, só quando os 'strelas' entraram em cena é que as comissões passaram a 24 meses; o general Spínola deixou ficar os que lá estavam e aumentou o contingente com tropas frescas. Diz-se que um dos efeitos da contra-subversão é a lassidão, mas a lassidão também os afectava a eles: o PAIGC não estava menos exausto que nós. Qual a finalidade da guerra subversiva? Substituir uma autoridade por outra, naquele caso portugueses por angolanos. Nesse aspecto, a subversão falhou: foi o 25 de Abril que nos derrubou. Como a finalidade era aquela, não podia haver soluções de compromisso. Como é que se faz um cessar-fogo no âmbito de uma guerra subversiva? Nunca ninguém mo soube explicar até hoje: qualquer compromisso equivale sempre a uma derrota incondicional; à guerrilha nunca interessam partilhas territoriais, soluções intermédias, é a vitória total ou nada.»

Ao início da manhã de 28Abr1974 chega a Lisboa e fica confinado à Base de Fuzileiros no Alfeite, acompanhado por três oficiais do Exército também regressados de Bissau.



Coronel
António Vaz Antunes

Brigadeiro
Leitão Marques

General
Bettencourt Rodrigues

Coronel
Hugo Rodrigues da
Silva

Em 14Mai1974, por despacho do presidente da JSN, exonerado de todas as funções.

Em 12Jul1974 compulsivamente passado à situação de reserva.

«Quando um general passa à reserva, vira historiador: foi o que sucedeu comigo, reformado

aos 55 anos dediquei-me ao estudo, pesquisei, li e meditei. A que conclusão cheguei? O País nunca teve um problema de Defesa Nacional em África: a tropa podia estar farta mas obedecia, faz parte da nossa natureza. A esse respeito nunca tive dificuldade, fui sempre obedecido.»

Em 19Abr1977 publica, em co-autoria, o livro "África - A Vitória Traída".

Na década 1980-90 preside à direcção da "Revista Militar".

Em 25Out1985 divulga esclarecimentos sobre as circunstâncias em que, na sequência do golpe de Estado perpetrado em Lisboa pelo MFA, ocorreu em Bissau a sua destituição forçada pelo comité do MFA-Guiné, replicando em "O Jornal" a recentes diatribes ali publicadas pelo vice-almirante [*Dili 27Jun1923] Carlos da Fontoura Garcês de Lencastre.

«1.- Pessoa amiga fez-me chegar um exemplar do número de 20 de Setembro p.p. de "O Jornal" que, sob o título "Quando e onde foi preso o general Bethencourt Rodrigues", publica um "depoimento do almirante Garcês de Lencastre sobre acontecimentos ocorridos na Guiné em 25 e 26 de Abril de 1974". O sr. almirante, expressando o intuito de "salvaguardar a actuação" do comodoro seu comandante [ComNavG] de então (hoje contra-almirante - nova designação atribuída aos comandos -, António de Almeida Brandão), propósito que só o honra, veio recordar e pormenorizar o que tenho como simples (e já quase esquecido) caso da rotina revolucionária portuguesa. Quanto ao outro objectivo procurado - "restabelecer a verdade" -, a sua consequente descrição impõe necessárias rectificações. Mas, como naquele "depoimento" sou por várias vezes directamente visado, tenho de lhe dar uma resposta. E desde logo, assinale-se que enquanto o sr. almirante relata principalmente "o que ouviu dizer", eu fui participante em quase tudo o que se passou no 25 de Abril.

2.- Para ordenar ideias, começo por sucinta narrativa do que comigo se passou. Logo no princípio da manhã de 25 de Abril, soube-se em Bissau da eclosão de um movimento revolucionário em Lisboa (o que foi dito pelo chefe da 2ª Repartido no 'briefing' das 08:15) e durante a tarde, pela audição de emissoras de radiodifusão, foram-se avolumando as notícias que indicavam o seu sucesso. Tendo em conta a possibilidade de intensificação da actividade do PAIGC, valendo-se do ambiente de incerteza que passara a existir, decidi convocar uma Reunião de Comandos para as 20:30. Nessa reunião expôs-se o que se sabia sobre aquele acontecimento e decidiram-se várias medidas de natureza operacional. Depois eu e os meus colaboradores directos fomos para a residência do Governador. E na longa conversa a seguir, fui desenvolvendo as hipóteses da decisão a tomar perante o evoluir da situação.

Particularmente, e para além da ausência de informações oficiais, pesava a circunstância de estarmos em campanha e ser da minha responsabilidade o comando de umas dezenas de milhar de homens. Cerca das 23:30 ouviu-se o comunicado da Junta de Salvação Nacional, retransmitido da Emissora Regional. Dada a sensibilidade da situação na Guiné e em face do teor do comunicado, criando a expectativa de ulteriores resoluções da Junta relativamente àquele território, resolvi aguardar até à manhã seguinte para então decidir sobre atitude a tomar. Pelas 09:30 encontrei-me no Comando Chefe com o brigadeiro adjunto [do CTIG Manuel Leitão Pereira Marques] e o chefe de Estado-Maior [coronel Hugo Rodrigues da Silva]. Tendo decorrido toda a noite e parte da manhã sem conhecer qualquer medida da Junta de Salvação Nacional sobre o Ultramar ou a Guiné, achei oportuno enviar uma mensagem ao presidente da JSN solicitando a minha exoneração de funções de governador e autorização para me apresentar em Lisboa a autoridade militar competente. Estávamos a combinar a redacção desta mensagem quando, de forma grosseira e intempestiva, invadiu o meu gabinete um grupo de [10] oficiais - eram 09:50 aproximadamente. Depois de se dispôr em frente da minha secretária, um deles [o tenente-coronel engenheiro de transmissões António Eduardo Domingos Mateus da Silva] disse: "Nós somos a representação do MFA da Guiné e vimos pedir, ou antes, exigir a demissão do meu general, que já não tem capacidade legal para estar nas funções que exerce". Não vi a mínima possibilidade de resistência, pois na minha frente estavam os comandantes das unidades de Bissau. A perguntas minhas, aqueles oficiais

acrescentaram que devia seguir para Lisboa nessa manhã, em avião que vinha de Luanda e sairia da Guiné em liberdade. Quatro [ie, três] oficiais [o adjunto do CCFAG brigadeiro Manuel Leitão Pereira Marques, o coronel Hugo Rodrigues da Silva e o coronel António Vaz Antunes] repudiaram energicamente a forma como tudo se passara e quiseram acompanhar-me na saída da Guiné. (Nunca será de mais, pela minha parte, prestar homenagem à sua frontalidade, lealdade e espírito militar). Como o avião esperado de Luanda tivesse o seu vôo cancelado, ainda por iniciativa do MFA local cerca das 16:30 e em avião da Zona Aérea da Guiné segui para o Sal. A intenção do MFA local era eu tomar na manhã seguinte um avião para Lisboa. Aterrámos no Sal já noite fechada e aí pernoitámos. Por volta do meio-dia de 27, o comandante do Batalhão instalado naquela ilha comunicou-me, com irrepreensível tacto e respeito, haver recebido instruções do Comando Chefe de Cabo Verde para me dar conhecimento de que, por ordem da JSN, devia considerar-me sob prisão. Mais me comunicou que, como não haveria nesse dia avião para Lisboa, tinha de regressar a Bissau no bimotor que me trouxera e ser acompanhado por dois oficiais do Comando de Cabo Verde, cuja presença efectivava a situação de prisão. Chegados a Bissau, pelas 16:00 embarcámos num 'Boeing' vindo de Luanda rumo a Lisboa.

3.- Posto isto, quanto ao "depoimento" do sr. almirante Lencastre há correcções a fazer, que rapidamente se mencionam: a notícia da "Revolução em Lisboa" não foi divulgada pelos oficiais do MFA "a nível oficial no 'briefing' diário", quem o fez foi o chefe da 2ª Repartição como lhe competia (e outra forma não seria consentida; não regresssei a Bissau "no mesmo dia" em que chegara ao Sal; não fui "mandado" embarcar no bimotor e "com escolta à vista" (o comandante do Batalhão, como acima se disse, comunicou-me a necessidade de regressar a Bissau a fim de tomar o avião de Luanda - são 'nuances' não perceptíveis por oficiais-generais feitos à pressa); nunca vi a "escolta à vista", os dois oficiais que passaram a acompanhar-me não traziam armas "à vista" e o seu comportamento foi sempre correcto e apurado; não foi "o mesmo bimotor (de regresso ao Sal) que reabasteceu (em Bissau) e meteu rumo a Lisboa", se isso tivesse acontecido então teria havido alteração de uma ideia inicial que, de resto, creio nunca ter existido; tudo isto são naturais inexactidões de quem apenas relata o que "ouviu dizer"... e não testemunhou.

4.- Mas consideremos o fulcro do "depoimento": a actuação do sr. comodoro Almeida Brandão em 25 e 26 de Abril na sua ligação comigo, segundo o "depoimento", "apenas ao fim da tarde ou talvez cerca das 22 horas de 25" o sr. comodoro dirigiu-se ao Comando Chefe a fim de me dar a conhecer uma mensagem do Estado-Maior da Armada que determinava o reconhecimento por esta do "novo órgão governativo" e nessa altura ter-me-ia dito que "face aos acontecimentos entregasse o cargo de governador ao secretário-geral [inspector-superior administrativo Guilherme Libânio Pires] e retivesse as de comandante-chefe, que em zona de campanha não podia abandonar sem ordem, informando do facto o MFA de Lisboa". O sr. almirante acrescenta "uma mensagem com tais dizeres chegou a ser redigida, creio que pelo próprio AB (comodoro). BR não tomou qualquer decisão quanto ao conselho e mensagem e decidiu que iria ponderar." Classifica o sr. almirante Lencastre aquele conselho de "sábio, prudente e sensato". Tenho uma ideia muito vaga e imprecisa de sabido daquela mensagem que, porventura, achei normal. Também admito que na conversa subsequente o sr. comodoro emitiu a opinião, a que o "depoimento" chama sugestão. Num ponto e no outro - e por exigência moral de honestidade -, dou o benefício da dúvida. Quanto à localização no tempo da diligência do sr. comodoro, só pode ter-se verificado ou antes da Reunião de Comandos ou logo a seguir, pois a partir das 21:30 é seguro que não o vi até à manhã seguinte, tanto quanto a memória de quatro pessoas pode ser firme. Isto exclui a hipótese das 22:00 aventada pelo sr. almirante. O certo, porém, é que ao caso não atribui especial relevância porque não lhe encontro menção nas minhas notas. E mais: nenhum dos meus colaboradores directos se recorda de aquela mensagem do E-M Armada ser mencionada na Reunião de Comandos (o que de certo modo indicaria a conversa e sugestão-conselho antes da reunião),

nem tão-pouco de eu falar do assunto na noite de 25, o que seria de todo natural. Se o foi, a mensagem ter-me-ia sido dada a conhecer em 25 ou no dia seguinte depois do "incidente" no meu gabinete? Voltemos no entanto, ao conselho "sábio, prudente e sensato" e conceder o dubitativamente que de facto se verificou. Na altura, como ainda agora (recorde-se que estávamos na tarde ou princípio da noite de 25), devo tê-lo interpretado como expressão de saída fácil e irresponsável perante uma situação difícil, "manobra" que nunca adoptei na minha vida. Então o governador - no território da Província o mais alto representante do Governo da República, cuja nomeação e exoneração era da competência do Conselho de Ministros -, estando sem ligações com o novo Governo Central e não conhecendo a orientação política deste, abandona pura e simplesmente as suas funções só porque emissoras de radiodifusão transmitem que assumira o poder em Lisboa um movimento militar? Conselho "sábio e sensato"? Conselho "prudente" se esta palavra fosse sinónimo de pusilânime. Situação diferente existia na manhã de 26, como mencionei anteriormente. Quanto à apresentação do, para eu assinar, de uma mensagem... é simplesmente impensável. Com isto não quero dizer - de todo ignoro - que o sr. comodoro não tivesse redigido uma mensagem daquele teor... mas como exercício intelectual inconsequente.

5.- O outro ponto fulcral do "depoimento" e ainda comigo relacionado, é a descrição do que se passou na manhã de 26. Diz o sr. almirante Lencastre "na manhã seguinte (...) os oficiais do MFA-Guiné (...) dirigiram-se ao gabinete de AB (...) e convidaram AB para com eles dirigir-se ao Comando-Chefe e aí destituírem BR das funções de governador e comandante-chefe assumindo (...) as segundas o próprio AB. AB deu a única resposta que um oficial com as suas qualidades podia dar (...) Que em zona de campanha o acto que lhe propunham era uma insubordinação e como tal não os acompanharia". Põe-se então a hipótese de "serem só eles a destituírem BR" e por fim, diz ainda o sr. almirante, face à insistência dos MFA's, AB aceita ser comandante-chefe no "caso e só nesse caso se BR se fosse embora" (evidentemente que empurrado pelos MFA's, acrescento eu). Esta história é muito estranha. Um grupo de oficiais manifesta a um oficial general o propósito de praticar determinado acto e convidam-no a acompanhá-los. O oficial general responde que a prática de tal acto seria uma insubordinação e por isso não os acompanharia. Seguem-se sugestões da parte do grupo de oficiais e o oficial general acaba por aceder a assumir a função desempenhada pelo oficial seu superior, contra o qual se executaria a insubordinação "desde que nesta não participe"... É estranha a história porque a mais elementar ética militar, para não invocar o dever de lealdade, exigia no mínimo que o oficial general ao tomar conhecimento daquela intenção frontalmente comunicasse ao grupo de oficiais que de imediato iria informar o seu superior em causa. Isso possivelmente valer-lhe-ia ser detido acto contínuo mas teria reagido como "verdadeiro militar que sempre se norteou pelos princípios da ética militar". O sr. comodoro não o fez!

6.- Só pela leitura do "depoimento" soube que o sr. comodoro "não era um adepto do anterior regime". Agora a informação permite-me deduzir que apesar disso não tinha elevada cotação no MFA pois não só não o promoveram como prontamente o substituíram na Guiné.

7.- Nunca os Estudos de Situação realizados no Comando-Chefe e por mim próprio indicaram ou sequer permitiam admitir que "a partir de Fevereiro ou talvez Março de 1974 o inimigo na Guiné ganharia a guerra quando quisesse", como afirma o sr. almirante. Da minha parte o que posso afirmar é que se houvesse chegado a tal conclusão não teria força de ânimo nem capacidade moral para continuar a requerer dos homens sob o meu comando - como fiz com insistência e determinação -, pesados sacrifícios que infelizmente algumas vezes levavam a perda de vidas. Pelos vistos a consciência do sr. almirante Lencastre, cujo comandante também comandava homens em campanha, não lhe impunha este tipo de fraquezas... Mas valeria a pena que o sr. almirante baseasse aquela sua afirmação tão gravemente carregada de significado.

8.- Finalmente quero tranquilizar o espírito do sr. almirante Lencastre. Mesmo que "tivesse seguido o sensato conselho" do sr. comodoro (sobre cuja existência de novo saliento sérias

dúvidas), por essa via "não teria sido recuperado", recuperação que aliás em qualquer hipótese sempre dependeria da minha concordância. É que os MFA-Guiné precisavam de dar um ronco (expressão bem conhecida dos que passaram pela então Província) e o ronco mais espalhafatoso e fácil era a destituição do governador e comandante-chefe, se estivessem do lado deles como estavam os comandantes das unidades de Bissau. E por isso as mensagens para Lisboa não teriam seguido (um dos MFA's [o tenente-coronel engenheiro de transmissões António Eduardo Domingos Mateus da Silva] era comandante das Transmissões), nem a entrega do governo ao secretário-geral [da Guiné inspector-superior administrativo Guilherme Libânio Pires] produziria qualquer efeito...

9.- Resta-me esperar que o sr. almirante como promete ("chegou a altura de começar a contar"), dê publicidade aos conhecimentos e documentos que tem em seu poder e cuja revelação, no seu dizer, alterará "por certo a visão de alguns factos narrados e que não são de pormenor".»

Em 1994 preside ao Conselho Supremo da Liga dos Combatentes.

Desde 10Jun1994 (inclusivé), integra a Comissão de Honra dos *Encontros Nacionais de Veteranos* que, no *Dia de Camões*, prestam homenagem defronte ao *Monumento Nacional aos Combatentes do Ultramar*, junto ao Forte do Bom Sucesso em Belém.

Em 09Nov1994 concede entrevista ao norte-americano CMG na reserva John P. Cann, cujos extractos se encontram publicados em "Contra-Insurreição em África".

Em 25Fev1995 concede entrevista a José Freire Antunes, cujos extractos se encontram publicados em "A Guerra de África".

Em 29Jul1997 concede depoimento a Manuel João Maya de Lucena e a Luís Salgado de Matos, destinado aos "Estudos Gerais da Arrábida - A Descolonização Portuguesa".

Em Jul1998, por motivo de saúde, resigna ao cargo de Presidente do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes (em 13Abr1999 passa a ser desempenhado pelo general Altino Amadeu Pinto de Magalhães).

Em 26Set2002 no Palácio Vilalva, sede do QG/RML, apresenta o livro do tenente-coronel António Pires Nunes epigrafado "Angola 1966-74 - Vitória Militar no Leste".

Em 04Set2009 a 'Revista Militar' publica um texto de autoria do general Gabriel Augusto Espírito Santo, sob a epígrafe "Cooperação Civil-Militar na Contra-Insurreição: Leste de Angola, 1971-1973".

Vem a falecer no dia [28 de Abril de 2011](#).

